
Apresentação

Aquém, além e em torno da verdade: perspectivas e abordagens semióticas*

Paolo Demuruⁱ

Franciscu Seddaⁱⁱ

Aquém, além e em torno da verdade. O título desta apresentação não foi escolhido por acaso. Há, pois, um ponto em comum entre os textos que compõem este dossiê: independentemente da perspectiva semiótica adotada, a verdade é reconhecida como um objeto elusivo, que parece escapar a qualquer tentativa de apreensão. Semioticamente, a verdade só se pode beirar. Dela só podemos falar de maneira assintótica, tangencial, contingencial, negativa, diferencial. No entanto, é preciso ir em busca da verdade, tentar dizê-la, ainda que tímida e imperfeitamente. É necessário desmascarar o que pretende se impor como verdadeiro, embora seja totalmente falso. É imprescindível disputar a verdade. Os tempos em que vivemos, marcados pela profusão de mentiras de todo tipo, nos obrigam a nos engajar nesta luta.

Conscientes desses limites e urgências, as diversas vertentes dos estudos semióticos – da semiótica greimasiana e pós-greimasiana à semiótica peirciana, passando pela semiótica da cultura lotmaniana e pela semiótica interpretativa de Umberto Eco – têm colocado entre parênteses a reflexão sobre a “Verdade” com o “V” maiúsculo para abordar as muitas “verdades” que a humanidade produziu ao longo de sua história. Uma escolha enraizada no fato de que, do ponto de vista semiótico, a verdade – qualquer coisa à qual se atribui esta etiqueta – é sempre um alvo na mira de muitos e, portanto, um catalisador de conflitos históricos, sociais, culturais e políticos.

São estes os pressupostos de muitos textos seminais sobre o tema. Pense-se, a este propósito, no ensaio de Peirce *A fixação das crenças* (PEIRCE, 1972), no qual o pai do pragmatismo norte-americano identificava quatro

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.20037>.

ⁱ Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: paolo.demuru@unip.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1559-9530>.

ⁱⁱ Professore Associato del Dipartimento di Lettere, Lingue e Beni Culturali dell'Università di Cagliari (UNICA), CA, Sardenha. E-mail: fsedda@unica.it. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1179-3651>.

métodos de sedimentação das crenças: a *tenacidade*, que age por meio da repetição e da insistência; a *autoridade*, baseada no poder de influência de precisas autoridades sociais (a igreja, o estado, etc.); o *a priori*, que mobiliza opiniões privadas e subjetivas que visam alcançar o estatuto de normas gerais; o *método científico*, que evita qualquer forma de subjetivismo e busca identificar verdades universais.

Em *O contrato de veridicção*, Greimas aponta ainda mais claramente para o caráter semiopolítico da verdade. O semioticista lituano chega logo a duas conclusões. A primeira é que a verdade nada é senão um efeito de sentido. A segunda é que, isso posto, a produção da verdade consiste na “construção de um discurso cuja função não é o dizer verdadeiro, mas o parecer verdadeiro” (GREIMAS, 2014, p. 122). Nesta perspectiva, continua Greimas, o problema não é mais, como no caso da verossimilhança, a adequação do discurso a um suposto referente externo, mas “a adesão da parte do destinatário a quem [o discurso] se dirige, e por quem procura ser lido como verdadeiro” (GREIMAS, 2014, p. 122).

Pensar a verdade em termos semióticos-discursivos significa, então, se interrogar sobre a eficácia das estratégias utilizadas por um dado enunciador para fazer com que seu discurso “pareça verdadeiro”, bem como sobre os percursos através dos quais o enunciatário pode chegar, ou não, a julgá-lo como tal. Para Greimas, pois, a verdade é um modo de veridicção que se consolida a partir de um acordo entre os actantes do processo comunicacional. Um acordo ao qual o semioticista, conforme antecipa o título de seu artigo, confere o nome de “contrato de veridicção”. Em suma: o problema do estatuto semiótico da verdade é um problema que concerne às formas e aos tipos de manipulação discursiva. Surgem daqui as duas estratégias de manipulação identificadas por Greimas em seu artigo: a “camuflagem objetivante” e a “camuflagem subjetivante”. No primeiro caso, estamos diante de um discurso que, para ser reconhecido enquanto verdadeiro, “apaga, tanto quanto possível, todas as marcas da enunciação” (GREIMAS, 2014, p. 123). No segundo caso, o sujeito da enunciação manifesta-se explicitamente enquanto tal, afirmando-se como um “eu fiador da verdade”. Trata-se, nas palavras de Greimas, de um processo comunicacional “hermético-hermenêutico [o qual] deve sugerir um plano anagógico a ser decifrado” (GREIMAS, 2014, p. 123). O que coloca, entre outros, o problema das relações entre a “verdade” e seus termos contrários, contraditórios e complementares: a “falsidade”, a “mentira” e o “segredo”, exploradas no célebre quadrado semiótico das modalidades veridictórias.

O mesmo tema foi abordado por autores como Paolo Fabbri, em seu texto *Semiótica e camuflagem* (2013) e Umberto Eco, que em seu *Tratado geral de semiótica* (1980) definia a Semiótica como aquela disciplina que “estuda tudo aquilo que pode ser utilizado para mentir”. Ponto, este, que Eco trabalhou e desenvolveu ao longo de toda sua trajetória intelectual, refletindo em

profundidade tanto sobre os diversos gêneros e modos de produção do falso (falso histórico, imitação, contrafação, etc.) quanto sobre os aspectos da assim chamada “semiose hermética”. Conforme aponta o semioticista, a estratégia principal desta última é construir e promover um discurso que identifica a verdade com “aquilo que não é dito”, ou com “aquilo que é dito de modo obscuro”, produzindo um deslizamento irrefreável do sentido da verdade, para o qual toda interrogação semiótica não deve nunca chegar a uma verdade última, mas simplesmente deslocar o segredo alhures (ECO, 2015).

Entretanto, é preciso lembrar que Eco abordou a questão da verdade também em termos mais propriamente teórico-epistemológicos, em *Kant e o ornitorrinco* (ECO, 1998) e, em tempos mais recentes, em seu ensaio *Di un realismo negativo* (ECO, 2012). O ponto de vista de Eco difere, aqui, daquele de Greimas, pois parte de outros pressupostos, como, por exemplo, a convicção de que existem limites naturais que se impõem sobre o dizer e a possibilidade de se expressar. Contudo, ela também se funda em uma perspectiva discursiva e no princípio de negociação da verdade. Uma verdade que, no que diz respeito ao seu alcance ético, remete sempre a um processo de negociação sociocultural e a avaliações relativas à adequação do “dizer” ao “mundo natural”.

Há que se considerar, ainda, o papel da dimensão estésico-perceptiva nos processos de construção das crenças individuais e coletivas, ainda pouco explorado. Uma primeira tentativa de sistematização teórica sobre o assunto deve-se a Jacques Geninasca (1997), para o qual a verdade surge da sintonia entre as valorizações tímicas e predicativas que fundam o crer do Sujeito. É nesta possibilidade de produzir e/ou assumir um universo discursivo de valores no qual o sentir e o saber se fundem reciprocamente que a verdade subjetiva e intersubjetiva se constrói e ganha forma. Através deste gesto de assunção ao mesmo tempo sensível e inteligível, o sujeito reinscreve a verdade na (sua) história, acreditando e afirmando que suas crenças e valores ultrapassam as contingências do tempo, tornando-se, enfim, uma referência pessoal e coletiva (MARRONE, 2001). O que nos convida a refletir, de maneira mais ampla e geral, sobre os diferentes regimes de interação e sentido que concorrem, articulando-se e sobrepondo-se entre si, nos processos de construção das verdades socioculturais (LANDOWSKI, 2014).

Os textos publicados neste dossiê abordam, discutem e desdobram todas essas questões, cada um a partir de sua perspectiva. A primeira seção, intitulada “Explorações Teóricas”, reúne contribuições de cunho mais marcadamente teórico-epistemológico, as quais, no entanto, não deixam de contemplar temas e questões concretos e centrais do atual debate público. A segunda contempla análises de objetos diversos, que vão da literatura à política, da gastronomia ao teatro, evidenciando o potencial heurístico das abordagens semióticas sobre a verdade.

No texto de abertura da primeira seção, Eric Landowski defende que o modo como a verdade foi sendo abordada pela Escola Semiótica de Paris está relacionado às transformações do campo político francês entre os anos sessenta e noventa. Conforme aponta Landowski, da verdade entendida como um efeito de sentido engendrado pelo discurso verbal, através do qual ganhavam forma ideias e valores, passou-se a considerar a verdade como o resultado dos processos de simplificação da linguagem e do contato corpo a corpo entre o líder e seus seguidores. Esta inversão de domínios reforça a ideia de que, na perspectiva sociossemiótica, a verdade não seria apenas uma questão de lógica, isto é, o efeito de uma persuasão cognitiva, mas também, e hoje talvez mais, de confiança estésica, ou seja, o resultado de processos interacionais fundados na mobilização do sensível. Deriva daqui a necessidade de desdobrar o raciocínio e identificar diferentes “regimes de verdade” relacionados, por sua vez, aos regimes de interação e sentido desenvolvidos pelo autor em suas obras anteriores: a “verdade provada”, fundada no processo veridictório da “demonstração”; a “verdade revelada”, baseada na “revelação”; a “verdade consensual”, ancorada na “negociação” e, por fim, a “verdade experimentada”, edificada no contágio e no princípio da sensibilidade.

Diana Luz Pessoa de Barros retoma a ideia de contrato de veridicção proposta por Greimas: um pacto fiduciário entre enunciador e enunciatário que se realiza a partir de discursos e formas de vida peculiares. Com base nestes pressupostos, Barros desenvolve uma concepção tensiva e processual da verdade. Em primeiro lugar, a autora nos lembra que, de um ponto de vista semiótico, não existe apenas a oposição entre o verdadeiro e o falso, mas também a tensão entre o “certamente verdadeiro” e o “certamente falso”, a partir da qual emergem as modalidades do “provavelmente verdadeiro” e do “provavelmente falso”. Em seguida, Barros projeta os termos do quadrado de veridicção de Greimas (verdade, falsidade, mentira, segredo) em outros dois quadrados, chegando, assim, a definir quatro percursos que, conforme ela defende, remetem aos modos de funcionamento das *fake news*, do conspiracionismo, da ironia e do discurso poético.

O texto de Santaella aborda o tema da verdade em Peirce. Constatada a possibilidade de identificar, na obra do pai do pragmatismo norte-americano, diversas ideias de verdade – correspondência, coerência, adequação pragmática, consenso comunitário – a autora destaca o estatuto vago do signo peirciano e o conseqüente falibilismo implícito em toda busca semiótica da verdade. Ao falar em vagueza, Santaella refere-se ao fato de que, segundo Peirce, o signo não é nem absolutamente determinado, nem absolutamente indeterminado. Isso implica a produção constante de interpretantes que mantêm vivo o movimento da semiose. Paralelamente, sua leitura do falibilismo peirciano remete à impossibilidade de postular e alcançar uma verdade definitiva e absoluta. No

entanto, isso não significa que a semiose não caminhe rumo à verdade ou que ela não se produza a partir de uma realidade que é, ao mesmo tempo, causa e parâmetro da semiose. Projetando tais aprendizados na realidade contemporânea, Santaella debruça-se, por fim, tanto sobre a voracidade de nosso tempo – uma era povoada por *fake news* e destruição ambiental, na qual o humano parece se colocar contra qualquer forma de razoabilidade – quanto sobre a confiança na capacidade da semiose de gerar formas de autocontrole que situem a humanidade em cenários mais esperançosos.

O artigo de Nicholas Harkness tem também a semiótica peirciana como referência e campo de atuação. No entanto, seu raciocínio desenvolve-se no âmbito de uma antropologia da linguagem ao centro da qual se coloca o conceito de *qualia* e a problemática do sentir. Isso leva o autor a propor uma nova leitura e visualização do triângulo peirciano e suas classes de signos. Usando como exemplo a patinação no gelo e suas complexas estruturas semióticas (cinestésicas, sonoras, visuais, verbais), Harkness reflete sobre os modos através dos quais as sensações passam a ter um estatuto propriamente semiótico, isto é, de significação, ao passo que são experienciadas como verdades imediatas pelos sujeitos. Emerge daqui uma discussão mais ampla sobre os limites do espaço semiótico – sobre aquilo que foge à apreensão da análise semiótica e parece ser percebido como não semiótico – que postula a exigência, quase paradoxal, de uma semiótica da “de-significação”, isto é, de uma teoria semiótica que trate das condições que regem a produção semiótica da “não-significância”. Para Harkness, seria exatamente a percepção deste efeito de “não-significância” que instauraria os *qualia* enquanto “verdadeiros” sem que eles afirmem ou representem necessariamente uma “verdade”, assim como acontece para os signos em seu normal funcionamento.

Remo Gramigna identifica e debate os rudimentos da teoria semiótica da verdade no pensamento de Charles Morris. Seu texto começa evidenciando as especificidades da abordagem morissiana, para o qual é importante não apenas a maneira como os signos predisõem seus intérpretes na base de precisos fluxos de ação, mas também a compreensão dos fins que levam um dado organismo a produzir significações. Em seguida, Gramigna explica a sutil rede de diferenças teóricas elaboradas por Morris, entre as quais desponta aquela entre denotação, confiabilidade, e adequação dos signos, assim como aquela entre conhecimento e crença. Conforme esclarece o autor, na perspectiva de Morris, a verdade reside na confiabilidade denotativa do signo, isto é, na sua capacidade de não frustrar as expectativas e os comportamentos por ele projetados – o que leva a postular a possibilidade de uma gradação da confiabilidade, assim como múltiplas e diferentes articulações entre o conhecimento e as crenças sobre o que é denotado.

Massimo Leone opera uma inversão de perspectiva e aborda o tema da verdade a partir da problemática do falso. De acordo com o autor, é cada vez mais urgente e necessário elaborar uma semiótica do falso, em particular à luz das transformações operadas pela tecnologia digital, que mudaram radicalmente o estatuto da falsidade, tanto quantitativa quanto qualitativamente. O avanço tecnológico favoreceu, pois, não apenas a circulação transbordante do falso, mas também a produção de um falso cada vez mais realístico e atrativo. O falso, ou melhor, a falsificação, apresenta-se, portanto, como um risco. Razão pela qual torna-se fundamental a construção de uma semiótica do falso, à qual cabe criar, em diálogo com estudiosos de outras áreas, bem como programadores e artistas, ferramentas para identificar e descrever as gramáticas nas quais se funda a eficácia do falso. No entanto, isso não nos deve levar a acreditar que o falso possa ser completamente eliminado. Assim como os vírus, o falso constitui uma realidade inelutável com a qual devemos aprender a conviver. Por isso a semiótica da cultura, com seu olhar ecológico, deve juntar forças com as ciências naturais e, em particular, com a epidemiologia.

Fechando a seção das contribuições de cunho mais teórico, o artigo de Eva Kimminich aborda os processos de formação de crenças a partir de uma perspectiva semiótico-cultural. A autora começa refletindo sobre as bases socioculturais da percepção da realidade, enfatizando o caráter construído das verdades que circulam em um dado contexto sociocultural e em determinadas épocas históricas. Em seguida, trata da relação entre indivíduo e sociedade, debatendo os mecanismos semióticos que norteiam a construção do senso comum. Por fim, detém-se na análise das práticas discursivas do atual populismo digital de direita e das teorias de conspiração por ele mobilizadas, desvendando os meios através dos quais as mídias sociais influenciam a formação da opinião pública.

O texto de Isabella Pezzini e Bianca Terracciano abre a seção “Incursoes analíticas”, que explora os processos de construção e disputas da verdade em esferas discursivas específicas. As autoras identificam as isotopias dominantes e as imagens-símbolo que permeiam e sustentam teorias de conspiração de origens e temas diversos. A partir de um corpus extenso de posts sobre a pandemia de Covid 19 divulgados nas redes sociais, Pezzini e Terracciano refletem sobre os cânones narrativos e figurativos do discurso conspiratório, tratando-os como verdadeiros “núcleos duros” em torno dos quais convergem as suas múltiplas variações. Nessa busca pelas invariantes do conspiracionismo, Pezzini e Terracciano mostram, assim como Barros, a contribuição que a semiótica pode oferecer não apenas para a compreensão das *fake news* que povoam a nossa era, como também o papel que ela pode desempenhar na luta contra a desinformação.

Em seguida, Gianfranco Marrone analisa os regimes de verdade e as estratégias de camuflagem do discurso gastronômico, focando, em particular, em um *corpus* de pratos emblemáticos de alguns entre os mais célebres chefes italianos. A partir do quadrado semiótico de veridicção de Greimas, o semioticista desvenda os efeitos de sentido de *ilusão*, *segredo*, *falsidade* e *verdade* construídos por estes textos culinários. No entanto, o artigo não se limita à análise semiótica dos pratos selecionados. Pelo contrário, Marrone esboça um modelo de alcance mais geral, que pode dar conta dos diferentes estilos de camuflagem semiótica, não apenas aqueles do discurso gastronômico.

Bruna Rosa Machado e Marc Bogo abordam os estudos de tendência desenvolvidos no campo da moda, buscando compreender como a identificação de supostos fenômenos emergentes adquire, muitas vezes, uma aura de verdade aparentemente indiscutível. Com base na análise de relatórios da área, os autores mostram como o caráter probabilístico dos estudos de tendência é colocado entre parênteses. O “real” por eles vislumbrado é visto como algo quase inevitável, sempre prestes a se concretizar. Tal constatação implica uma reflexão sobre os modos de manipulação dos analistas de tendências, isto é, de sua capacidade de “fazer crer”, que envolve tanto a dimensão cognitiva quanto aquela estésico-perceptiva das interações entre enunciador e enunciatário.

A relação entre veridicção e estesia é o eixo central do artigo de Rafael Alberto Alves dos Santos. Em sua análise dos regimes de presença do Papa Francisco, o autor visa compreender o papel do sensível na comunicação do pontífice, bem como a sua capacidade de dar forma a crenças socialmente compartilhadas. Para tanto, Alves articula o modelo dos regimes de sentido e interação de Landowski com as cifras tensivas de Zilberberg. Apoiado neste arcabouço teórico-metodológico, o estudo revela como Francisco realiza uma passagem do sagrado vivido como verdade dogmática para o sagrado experienciado como ajustamento sensível a um líder e a um sujeito coletivo que visa subverter as hierarquias sociais e as relações de poder historicamente sedimentadas.

Tarcisio Lancioni reflete sobre o estatuto semiótico da verdade, da máscara e do segredo a partir da análise do conto “História de um sonho” de Arthur Schnitzler (TRAUMNOVELLE, 1926). Após uma breve reconstrução do tratamento reservado à verdade em âmbito filosófico e semiótico, que vai de Derrida a Eco, Detienne e Vernant a Greimas, Lancioni expõe as práticas de construção do efeito de verdade propostas por Schnitzler, a saber: a constatação, a confissão, a investigação, a prova, o desmascaramento, a simulação e a dissimulação. Assim como aquele de Marrone, o raciocínio de Lancioni ultrapassa os confins de seu objeto de análise, revelando seu potencial heurístico e suas possíveis traduções em outras esferas discursivas.

O artigo de Adriana Inácio adentra-se também no universo da literatura. Mais especificadamente, a autora discute os modos de construção da verdade e das crenças nos assim chamados “testemunhos literários”. Articulando as considerações de Rastier sobre o testemunho com as reflexões de Greimas sobre a veridicção e a semiótica tensiva de Zilberberg, Inácio identifica dois modos distintos de apresentação da verdade: a “verdade implicativa”, utilizada por um enunciador-testemunha que visa uma universalidade objetivante e a “verdade concessiva”, típica do enunciador-sobrevivente, que privilegia, ao contrário, a dimensão intensa, sensível e cognitivamente inapreensível da experiência traumática.

Por fim, Inna Merkoulova analisa o “teatro da verdade” de Konstantin Stanislavsky e seu aluno Evgeny Vakhtangov, fundado no princípio “no palco como na vida”. Tecendo um diálogo entre a semiótica da cultura de Jurij Lotman e a semiótica de Greimas, Merkoulova destaca a busca dos dramaturgos por uma “encenação sem atuação”, finalizada, por sua vez, à construção de um “real” a ser compartilhado entre público e atores. Nessa interação que visa o esquecimento do caráter ficcional do espetáculo teatral, torna-se fundamental a instauração de um contrato de veridicção entre enunciadores e enunciatários, por meio do qual estabelecer um novo regime de verdade, no qual sobressai o aqui e agora do estar juntos.

Individualmente e em seu conjunto, os artigos aqui reunidos mostram que a semiótica, mesmo aquela que reivindica mais fortemente uma ideia de realidade além dos signos, textos, discursos e linguagens, parece ser destinada a lidar com o fato de que a verdade, do ponto de vista das disciplinas que se ocupam dos sistemas e processos de significação, é instável, transitória, plural e relativa, isto é, um valor cuja identidade depende de seus vínculos e conexões com os outros valores que povoam o campo social.

Antes de tudo, a verdade não é o único princípio que guia o modo como o ser humano atribui sentido à existência: ao lado dela, há outras categorias – o *bem*, o *belo*, o *justo*, o *útil*, o *aceitável*, entre outras – que também cumprem um papel central neste processo. Em alguns casos, tais valores convergem; em muitos outros, entram em conflito. Além disso, a verdade é apenas um dos critérios que podem ser mobilizados para produzir sentidos que aparentem ter uma relação de conformidade com o “real” que os sujeitos escolhem como base e horizonte de suas vivências. Muitas vezes, o *correto*, o *adequado*, o *coerente*, o *inteligível*, ou até mesmo o *prazeroso* podem pesar mais que o verdadeiro. Mais do que isso: a verdade pode parecer insuficiente para dar conta dos significados em jogo na experiência humana. Como já dizia Goodman:

O conflito de verdades nos lembra que a verdade não pode ser o único aspecto a ser levado em consideração na escolha entre declarações ou versões. (...) Mesmo quando não há conflito, a

verdade está longe de ser suficiente. Algumas verdades são triviais, irrelevantes, ininteligíveis ou redundantes, demasiado largas, estreitas, chatas, bizarras, complicadas, ou retiradas de outra versão diferente daquela em questão, como no caso do guarda que, diante da ordem de atirar sobre qualquer um dos presos que fosse se mexer, disparou imediatamente sobre todos eles, explicando que todos se moviam rapidamente em volta da terra e do sol (GOODMAN, 1978, p. 120-121, tradução nossa).¹

Mesmo quando colocamos a verdade como horizonte da pesquisa científica, devemos nos acostumar a considerá-la como não-definitiva. Bem entendido: isso não apaga, nem deve apagar, a sede de verdade que move o homem enquanto espécie, a qual, infelizmente, o leva também a acreditar nas mentiras mais estapafúrdias. Reconhecer que a verdade não possui uma essência última e é sempre um campo de disputa não significa abrir espaço para o “vale tudo”. Para usarmos as palavras de Eco, refletir semioticamente sobre a verdade não quer dizer que há coisas que não se podem dizer: “há momentos em que o mundo, diante de nossas interpretações, nos diz NÃO (...) há interpretações que o objeto a ser interpretado não admite” (ECO, 2012, p. 105).

O novo coronavírus existe; os laboratórios onde alguns dizem ter sido criado para concretizar os planos de poder das elites mundiais, não. O primeiro é uma realidade; os segundos, uma fantasia conspiratória. No entanto, ao reconhecer isso, é possível também admitir que há verdades que derivam de experiências pessoais que, para os sujeitos envolvidos, seguem sendo verdades mesmo que suas sensações divirjam das verdades cientificamente comprovadas sobre as mesmas experiências. Ou, ainda, que a verdade emerge e se consolida histórica, cultural e socialmente de muitas maneiras. A verdade do discurso político não é a mesma do discurso científico ou religioso. A verdade à qual se chega desmontando uma mentira não é a mesma que se alcança ao desvelar um segredo. Esses poucos exemplos, também extraídos dos artigos publicados neste dossiê, mostram quão vasto e complexo é o problema da verdade. E, principalmente, que não devemos ter medo de enfrentá-lo. ●

¹ Original em inglês: “Truths conflict reminds us effectively that truth cannot be the only consideration in choosing among statements or versions. (...) even where there is no conflict, truth is far from sufficient. Some truths are trivial, irrelevant, unintelligible, or redundant; too broad, too narrow, too boring, too bizarre, too complicated; or taken from some other version than the one in question, as when a guard, ordered to shoot any of his captives who moved, immediately shot them all and explained that they were moving rapidly around the earth’s axis and around the sun”.

Referências

- FABBRI, Paolo. Semiótica e camuflagem. *In*: OLIVEIRA, Ana Claudia (org.). *As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*. São Paulo: Estação das Letras e Cores/ Editora do CPS, 2013.
- ECO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- ECO, Umberto. *Kant e o ornitorrinco*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ECO, Umberto. Di un realismo negativo. *In*: DE CARO, Mario; FERRARIS, Maurizio (org.). *Bentornata realtà. Il nuovo realismo in discussione*. Torino: Einaudi, 2012.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GENINASCA, Jacques. *La parole littéraire*. Paris: PUF, 1997.
- GOODMAN, Nelson. *Ways of worldmaking*. Hassocks: Harvester Press, 1978.
- GREIMAS, Algirdas Julien. O contrato de veridicção. *In*: GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II. Ensaios semióticos*. São Paulo: EDUSP/Nankin, 2014. p. 115-125.
- LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- MARRONE, Gianfranco. *Corpi sociali*. Torino: Einaudi, 2001.
- PEIRCE, Charles Sanders. A fixação das crenças. *In*: *Semiótica e filosofia*. Tradução de O. S. da Mota e L. Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 71-92.

Behind, beyond, and around truth: semiotic perspectives and approaches

 DEMURU, Paolo

 SEDDA, Franciscu

Como citar este artigo

DEMURU, Paolo; SEDDA, Franciscu. Aquém, além e em torno da verdade: perspectivas e abordagens semióticas. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18, n. 2. São Paulo, agosto de 2022. p. i-x. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

DEMURU, Paolo; SEDDA, Franciscu. Aquém, além e em torno da verdade: perspectivas e abordagens semióticas. *Estudos Semióticos* [online], vol. 18.2. São Paulo, August 2022. p. i-x. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 24/07/2022.

Data de aprovação do artigo: 11/08/2022.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.
This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

